

# **PUBLICAÇÕES GENERALISTAS X CIBERJORNALÍSTICAS: a livre publicação de conteúdos e o processo de produção ciberjornalístico**

Carla Andrea Schwingel  
[caruschwingel@uol.com.br](mailto:caruschwingel@uol.com.br)

Doutora pelo GJOL e mestre pelo Ciberpesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Facom – UFBA.

Para jovens e adolescentes, internet refere-se ao *www*, às páginas gráficas, ao ambiente multimídia e mais intuitivo, onde códigos e linguagens de programação não são muito bem vistos<sup>1</sup>. Compreender o que é a rede, o que significa a estrutura internet parece cada vez mais distante, naturalizado em ícones e links que se planificam na tela do computador. E toda uma geração que consome a mídia tradicional com menos assiduidade e interesse parece migrar para a internet, inserindo-se em outra lógica de produção da informação, àquela em que não há somente o consumo, mas também a elaboração e publicação de conteúdos (BOWMAN; WILLIS, 2003; BRUNS, 2003; 2005; GILLMOR, 2004).

Funcionalidades, mecanismos, ferramentas e subsistemas passaram a estar embutidas nos códigos HTML, possibilitando que qualquer interessado se relacione de maneira diferenciada com a produção de conteúdos generalistas e até mesmo com o fazer jornalístico. São funcionalidades vinculadas aos blogs, aos sistemas de gestão e de gerenciamento de conteúdos, aos sistemas automatizados para inserção e aferição de publicidade, como o *AdSense* da Google; os *widgets*, que incluem informações em páginas de outros sítios; os agregadores; ferramentas como o *twitter*; indexadores que possibilitam vincular conteúdos, como a sindicalização, as folhas de estilo, os *mashups*; dispositivos que estão disponíveis ao usuário da internet. E a livre publicação de informações passou a ser ainda mais facilitada.

Com sistemas facilitadores da publicação e vinculação automatizada de conteúdos, algumas questões se evidenciam, sendo a primeira referente à diferenciação entre publicações generalistas e ciberjornalísticas. Recentemente, três eventos brasileiros em cibercultura ratificaram o distanciamento entre o conhecimento da academia e o do mercado brasileiro em relação à livre publicação de conteúdos e ao processo de produção ciberjornalístico. O primeiro deles foi em fevereiro de 2008, em São Paulo, a *Campus Party*. Patrocinado pela empresa espanhola, que há 11 anos promove ação similar naquele país, configurou-se no maior encontro brasileiro de compartilhamento de conhecimentos sobre internet, com 3.300 campuseiros (pessoas acampadas no local) e mais de 100 mil

---

<sup>1</sup> Na experiência de sete anos de sala de aula com estudantes de jornalismo, pude identificar este tipo de realidade, em particular nos últimos três anos, quando verifiquei praticamente todos os alunos desconheciam e não utilizavam quaisquer aplicativos externos ao *www*.

visitantes (CAMPUS PARTY, 2008). Na área destinada aos blogueiros (CampusBlog), parte das discussões foi sobre jornalismo, ciberjornalismo e publicação de conteúdos na internet<sup>2</sup>. O segundo foi a comemoração dos 70 anos das transmissões da BBC Brasil, em março deste ano em São Paulo, onde os editores das maiores empresas de comunicação e da internet brasileira, bem como da BBC *Interactive* de Londres, apresentaram seus pontos de vista em relação à interatividade, à incorporação do usuário no processo produtivo e à elaboração de conteúdos multimídias<sup>3</sup>. O terceiro é o *NewsCamp*, um modelo fundamentado no dos encontros da comunidade de software livre, em que não há palestrantes e detentores do conhecimento, mas somente pessoas para dialogar sobre determinado assunto. O *NewsCamp* ocorreu até o momento em três edições paulistanas e uma carioca e está sendo articulado em Belo Horizonte e em Porto Alegre. Tendo acompanhado as edições em São Paulo, percebe-se haver uma profusão de idéias que leva a compreensões diferenciadas e discordâncias quanto a uma possível sistematização da prática jornalística no ciberespaço<sup>4</sup>. Nesse sentido, este artigo visa sistematizar uma diferenciação entre a publicação de conteúdos generalistas e ciberjornalísticos, através da explicitação da sistema de produção ciberjornalístico.

## 1 As tecnologias de publicação de conteúdos internet

As tecnologias de publicação internet são ferramentas, dispositivos e sistemas utilizados para incluir conteúdos em um cibermeio, com vistas a acrescentar ou relacionar informações para serem acessadas à *posteriori*, de acordo com os mecanismos de recuperação das informações, da arquitetura da informação e da base de dados do cibermeio. Tendo em vista uma melhor compreensão devido a abrangência e complexidade de suas aplicabilidades, buscou-se, sistematizá-las e categorizá-las em fases ou gerações.

As tecnologias de primeira geração são aquelas propostas antes da difusão do WWW até os primeiros sistemas simplificados de publicação, portanto, compreendem desde os grupos de notícias (*newsgroups*), com suas listas de discussão em servidores externos ao www visíveis no navegador em forma de árvore, até os publicadores elaborados com *scripts* simplificados<sup>5</sup>. Anteriormente a essas ferramentas, havia ocorrido experiências pioneiras, como o videotexto e as via fax, porém tais tecnologias não são aqui consideradas por não utilizarem o protocolo e a tecnologia internet (SMITH, 1980; FIDLER, 1997). Predominantemente nessa fase, a linguagem de programação é o HTML estático. A segunda fase configura-se no momento em que as comunidades mundiais de desenvolvedores de softwares começaram a utilizar e a divulgar tecnologias embutidas no HTML (interpretadas pelo servidor) como ambientes vinculados a bancos de dados. Sistemas simples passam a ser utilizados, há a criação da tecnologia blog e o uso de CMS (*Content Management System*) ou sistemas gerenciadores.

---

<sup>2</sup> Ver: <http://www.campus-party.com.br>,

<sup>3</sup> Ver: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/cluster/2008/03/080304\\_especial70anos.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/cluster/2008/03/080304_especial70anos.shtml).

<sup>4</sup> Ver: <http://newscamp.wordpress.com>.

<sup>5</sup> Linguagens de *script* foram desenvolvidas na internet desde a metade dos anos 90, como forma de facilitar a programação. A execução de seus comandos ocorre no interior de programas ou de outras linguagens (WIKIPÉDIA, 2008). Uma das primeiras linguagens de *script* amplamente utilizada na programação web foi a *javascript*, criada pela Netscape com o nome de *Livescript* (WIKIPÉDIA, 2008).

Na terceira fase, há a consolidação dos sistemas criados a partir dos ambientes de programação associados a bancos de dados que automatizam a postagem das informações em tempo real por usuários de qualquer computador conectado à internet, através de uma página do próprio navegador (*browser*) com o uso de uma senha ou cadastramento prévio que possibilita o acesso e a alteração dos conteúdos. Ou seja, as tecnologias deste período se caracterizam pela apropriação social dos sistemas para a publicação de conteúdos. Nesse segundo momento, praticamente todas as tecnologias estão embutidas na *World Wide Web* (HERRING, 2004), em sistemas, subsistemas e ambiências. Ocorre a publicação aberta e o desenvolvimento colaborativo que caracterizam o jornalismo de fonte aberta e o jornalismo participativo (PREECS, 2000; MOURA, 2002; CHAN, 2002; BRAMBILLA, 2005; SCHWINGEL, 2005; HOLANDA, 2007) e parecem representar, para o jornalista, a perda parcial do controle do processo de produção de informações no ciberespaço (PAVLIK, 2001; MACHADO, 2003). Nesta fase também há sistemas de busca mais depurados tanto externa quanto internamente (ao associarem os bancos de dados das próprias publicações e desenvolverem possibilidades da incorporação de metadados) e sistemas automatizados de vinculação de informações, como os algoritmos do *Googlenews*<sup>6</sup> e o RSS (*Really Simple Syndication*)<sup>7</sup>, somente implementado devido às características da tecnologia XML, que possibilita a criação de comandos personalizados com maior flexibilidade na organização e apresentação das informações.

A quarta geração de tecnologias para a internet caracteriza-se por sistemas associados a outros sistemas, nos primórdios da web semântica (BERNES-LEE, 2006), com a utilização automatizada de metadados capturados em função das ações involuntárias dos usuários através de robôs (*bots*) ou de forma voluntária, quando o usuário define palavras-chave e faz suas próprias referências. São possibilidades que a tecnologia permite do usuário produzir inteiramente seu conteúdo, e do sistema se aprimorar com o uso. Exemplos são o *Flickr*<sup>8</sup>, o *Del.icio.us*<sup>9</sup>, os sistemas do *Google* (como *Google Adwords* e o *Google Adsense*<sup>10</sup>), a *Wikipédia*<sup>11</sup>, ou seja, aquelas possibilidades que a Web 2.0 traz de construção do conteúdo sem a intervenção do editor, do responsável pelo sítio web.

Desde o princípio do desenvolvimento das tecnologias de gerenciamento do conhecimento que vinculam dados e informações (CRUZ, 2002; LAPA, 2004), a

---

<sup>6</sup> Ver: <http://www.googlenews.com>.

<sup>7</sup> Os *feed readers* ou leitores RSS para web “não requerem nenhum software e trazem os *feeds* dos usuários para qualquer computador com acesso web disponível” (WIKIPÉDIA, 2008). *Feed* é a informação específica, a “alimentação”, a palavra, o conteúdo mínimo informativo. Alguns agregadores de conteúdos são: *Google Reader*, *Akregator*, *RSS Owl*, *FeedReader*, *Active Web Reader*, *Pluck RSS Reader*, *RSS Bandit*, *Blam Feed Reader*, *ThinFeeder*, *NewzJournal*. Os navegadores da internet também são agregadores, ou seja, conseguem interpretar devidamente os arquivos XML, como o Firefox, o Mozilla, o Opera, o Safari e o Internet Explorer 7 (WIKIPÉDIA, 2008). Há várias versões de RSS (0.91, 1.0 ou 2.0), porém uma não é superior a outra, mas sim possuem modelos ligeiramente diferentes, em função de ser desenvolvido por uma comunidade mundial de programadores. Em 2005, a Folha Online e o Globo Media Center passaram a utilizar a tecnologia XML em suas matérias, em função das vinculações feitas pelo RSS.

<sup>8</sup> Ver: <http://www.flickr.com>.

<sup>9</sup> Ver: <http://del.icio.us>. Lançado em 2003, o *Del.icio.us* “oferece um serviço on-line que permite que você adicione e pesquise *bookmarks* sobre qualquer assunto. Mais do que um mecanismo de buscas para encontrar o que quiser na web, é uma ferramenta para arquivar e catalogar seus sites preferidos para que você possa acessá-los de qualquer lugar” (WIKIPÉDIA, 2008). Ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Del.icio.us>.

<sup>10</sup> Ver: <http://www.google.pt/intl/pt/ads>.

<sup>11</sup> Ver: <http://pt.wikipedia.org>.

publicação de conteúdos generalistas esteve relacionada com a ciberjornalística, porém uma não é similar a outra. Essa falta de percepção parece ser comum tanto no mercado de desenvolvimento internet (no campo técnico), quanto – inclusive - no jornalístico, que pouco considera questões vinculadas a ferramentas (como dispositivos e sistemas) e formatos de publicação aplicados de forma específica ao fazer ciberjornalismo. Por um lado, grandes empresas de comunicação adotam sistemas generalistas não adaptados ao processo de produção, o que leva o profissional a utilizá-los somente para dispor as informações, como se fossem suportes e não sistemas<sup>12</sup>. Por outro, em cursos e eventos, as opiniões de profissionais e blogueiros revelam-se orientadas por visões estereotipadas e de senso comum com vistas a uma contraposição de fazeres, em função de se estar vinculado a um veículo de comunicação. Assim, as noções relacionadas à questão da publicação de conteúdos no ciberespaço acabam por ratificar o distanciamento de estudos específicos que visam sistematizações e a compreensão de diferenças e complementaridades entre o livre publicar e a prática ciberjornalística de uma forma mais ampla.

A publicação de conteúdos de forma generalizada no ciberespaço não requer uma vinculação direta com as características estruturantes do jornalismo como prática profissional especializada, a saber, o domínio de conhecimentos: 1) técnicos; 2) teóricos; e 3) deontológicos. Para uma maior elucidação, procurar-se-á sistematizar e refinar as noções referentes às tecnologias de publicação internet em função de seus conteúdos e processos de produção. Do ponto de vista deste trabalho, não há como publicar conteúdos jornalísticos sem se estar sujeito minimamente ao processo de produção ciberjornalístico. Porém, cabe salientar, conforme adiante será melhor explicado, que a prática jornalística foi potencializada com a facilidade de publicação de conteúdos em função da inclusão do usuário no processo produtivo e, em última instância, com as tecnologias de quarta geração que relacionam dados e informações sem uma ação direta do autor.

Dessa forma, busca-se delimitar:

- 1) Tecnologias de publicação de conteúdos generalistas: desde os rudimentares publicadores de páginas pessoais de primeira geração; passando pelos blogs, da segunda geração; pelos CMSs e as ferramentas das ambiências de redes sociais, da terceira, até os sistemas vinculados a sistemas da quarta. São utilizadas amplamente na internet por qualquer pessoa, comunidade ou coletivo para correlacionar dados e divulgar informações, gerando compreensão e esclarecimento, de acordo com a lógica da arquitetura da informação do sistema utilizado.
- 2) Tecnologias de publicação de conteúdos jornalísticos: têm seu início com os blogs jornalísticos, quando o jornalista, sem conhecimento de programação, passa a publicar periodicamente notícias; passam pelos CMS, da terceira geração e pelos sistemas de quarta geração. O que as diferencia é a aplicação dos aspectos teóricos e deontológicos jornalísticos em processos de produção pré-concebidos ou ajustados no decorrer da produção do conteúdo, que correlacionam dados e informações tendo em vista a narração do fato jornalístico. Ou seja, dispõem conteúdos para gerar compreensão e

---

<sup>12</sup> Também nesses casos pode haver uma sobrecarga de trabalho que, geralmente, passa a ser incorporada e compreendida como um “saber adicional” para que as tarefas sejam realizadas.

conhecimento partindo de saberes prévios e sistematizados pelo jornalismo como um processo industrial de produção.

## **2 O processo de produção de conteúdos ciberjornalístico**

Nos estudos clássicos do jornalismo, o processo de produção da notícia compreende as fases de produção, circulação e consumo (BREED, 1980; MACHADO, 2000), sendo que a produção, até os anos 70, foi a menos estudada e sistematizada para o fazer jornalístico. A abordagem etnometodológica aplicada ao *newsmaking* “permitiu ver a importância da dimensão trans-organizacional no processo de produção das notícias, ou seja, toda a rede social informal entre os jornalistas e a conexão cultural que provém de ser membro de uma comunidade profissional” (TRAQUINA, 2005a, p.172), bem como possibilitou o reconhecimento da importância das rotinas no processo de produção da notícia, o que levou à compreensão da forma criada pelos próprios jornalistas para dar conta de seu trabalho diário, mediante os fatores de noticiabilidade e de tempo. O conceito de noticiabilidade, a sistematização do trabalho jornalístico através da divisão de tarefas e a aplicação dos valores-notícia são algumas das práticas do *newsmaking*. Tais valores são incorporados no processo produtivo, com forma e função, possibilitando aos profissionais a identificação do que se configura em fato noticioso.

Este artigo propõe o estudo do jornalismo pelo foco de seu sistema de produção e mais estritamente pelo viés de sistemas automatizados complexos que facilitam e possibilitam tal produção. Assim, procura compreender o processo de produção dos conteúdos ciberjornalísticos em um fazer que se encontra em um momento cujos dispositivos de produção tendem a não ser mais utilizados de forma instrumental, significando que o jornalista ao apurar, compor e divulgar os conteúdos estaria trabalhando com sistemas e subsistemas sociais e tecnológicos em um universo complexo. Fatores relacionados à sua intencionalidade, aos constrangimentos do sistema social, a forças de interesse, ao sistema cultural, à linha temporal são estruturados de forma a interagirem e serem interdependentes, compondo-se nos dispositivos tecnológicos do ambiente de produção. Este ambiente, em termos do processo de produção, representaria uma totalidade em relação aos aspectos da apuração, da produção e da circulação dos conteúdos.

O processo de produção ciberjornalístico, de maneira específica, corresponde à adequação do fazer jornalístico às dinâmicas do ciberespaço. O processo instituído e praticado nos demais meios passa a incorporar as funções de editores, subeditores, repórteres, designers e técnicos especializados que facilitam a elaboração de conteúdos no ciberespaço para a apuração, produção e circulação das informações. No ciberjornalismo, compreende-se o processo de produção desde a apuração até a circulação como um conjunto de sistemas e subsistemas em um universo complexificado, em inter-relações e interdependências, que comporia um ambiente de produção, que seria o universo do

sistema de gerenciamento de conteúdo<sup>13</sup>. O desenvolvimento de um sistema de publicação necessariamente precisa considerar as etapas do processo de produção. Seria somente a partir dessa delimitação que arquitetura da informação, ferramentas e o próprio sistema podem ser delineados e construídos.

A busca da institucionalização da profissão jornalística consolidou, com o passar do tempo, uma concepção da atividade profissional no que se refere a padrões do modo de ser e fazer jornalístico (GUERRA, 2003, p.79). “A própria consolidação da instituição se dá com a consolidação desses padrões que não são apenas relacionados às tecnologias dos suportes midiáticos, mas, sobretudo, técnicos: um conjunto de procedimentos de trabalho”. Busca-se, então, efetuar uma sistematização para cada etapa do processo de produção ciberjornalístico, com seus fazeres e condutas, com ênfase para a tipificação dos aspectos específicos do processo ciberjornalístico: a composição, a edição e a disponibilização, o que representaria a diferenciação destes para os conteúdos livremente publicados no ciberespaço.

## 2.1 Sistema de Apuração

A apuração, o processo em que os jornalistas verificam as informações, no ciberjornalismo tipifica padrões já consolidados nas demais modalidades jornalísticas. Uma das diferenciações da apuração jornalística no ciberespaço é a grande quantidade de informações disponíveis na web e a forma de buscá-las. Ferramentas de busca e seleção baseadas em algoritmos de programação, como o caso do *Google News*, demonstram que muitas vezes a disponibilização das informações não garante seu fácil acesso e seleção, requerendo sistemas específicos com buscas inteligentes<sup>14</sup>. Porém, o fato de haver bancos de dados de órgãos públicos, das agências de notícias e de organizações jornalísticas ou socialmente representativas disponíveis para acesso já se configura como um grande diferencial. Outro deve-se à interatividade, em função de que a forma do internauta interagir com os produtores da informação passou a ser muito mais direta (e-mail dos jornalistas, de editores, comunicações instantâneas como MSN, *Skype* e serviços de alerta), ou seja, o acesso ao campo jornalístico tornou-se “instantaneizado”.

Em um sistema de gerenciamento de conteúdos que seja voltado para o ciberjornalismo, podem estar vinculadas de forma automatizada ferramentas para a entrada e seleção de informação no âmbito da redação (LÓPEZ; GAGO; PEREIRA, 2003), com, inclusive, a revisão e a edição de matérias por parte do usuário, conforme proposto por Bruns (2003; 2005) ao sistematizar o processo aberto de produção de notícias. Além disso, um sistema específico pode prever que os campos da sugestão de pauta sejam inseridos já

---

<sup>13</sup> Como o intuito aqui é de precisão e de delimitação de campo e área, não seria o universo da gestão de conteúdos porque se compreende que o sistema de gestão de conteúdos é o objeto técnico, a concretude, o aplicativo; e o sistema de publicação uma especialização ainda maior deste.

<sup>14</sup> Por ocasião do estágio doutoral na Universidade do Texas, tive a oportunidade de trabalhar com as buscas no Centro Knight para o Jornalismo nas Américas que mantém em sítio web com notícias das três Américas sobre violência contra jornalistas, liberdade de imprensa e expressão. Éramos três jornalistas nativos das línguas inglesa, portuguesa e espanhola fazendo buscas no *Google News* e no *Yahoo News* e mesmo com temas específicos e palavras-chaves bem definidas, muitas vezes os algoritmos desses buscadores não apresentavam resultados satisfatórios. Grande parte das notícias indexadas provinha de sítios (fontes) específicos anteriormente listados que não apareciam nas buscas genéricas ou mesmo de busca nos jornais de cada país da América Latina. Ver: <http://knightcenter.utexas.edu>.

tendo em vista a composição da matéria. Isto é, podem tratar a informação produzida pelos jornalistas e as vinculações dos bancos de dados do veículo de forma a compor a arquitetura da informação da matéria, com a possibilidade de demonstrar previamente como seria sua estruturação narrativa a partir da inclusão de informações de natureza distintas. Certamente um significativo diferencial que pode ser implementado ao processo de apuração em um sistema de publicação no ciberjornalismo seria a inclusão da sugestão de pauta já relacionada à sua composição, de forma automatizada e disponível para os jornalistas responsáveis, editores e demais agentes do processo (jornalistas, repórteres cidadãos, colaboradores, articulistas).

Desde a concepção da pauta, poderia haver alterações substanciais na produção do ciberjornalismo. Ao se trabalhar com um sistema de publicação de conteúdos, facilmente os arquitetos da informação poderiam agregar a arquitetura da informação para cada matéria, tratando-as como micro-sites (SCHWINGEL, 2003; 2005). De acordo com essa proposição, ao se elaborar uma pauta já se definiria: 1) os níveis de informação; 2) os recursos multimidiáticos envolvidos; 3) os diferentes caminhos a serem seguidos (ou tipologias de links necessários, conforme sistematiza Mielniczuk (2003). Ou seja, trabalhar-se-ia com a integração da hipertextualidade na própria estrutura narrativa da notícia. Como a observação da pesquisa realizada indica, ainda hoje, a estrutura hipertextual, que representa a base das tecnologias telemáticas, não é explorada em sua potencialidade na composição de uma matéria<sup>15</sup>.

Outros fatores essenciais a um sistema de apuração, também em função da grande quantidade de informações disponíveis, referem-se à busca com a utilização de metadados. Buscas inteligentes nos próprios bancos de dados da organização e sistemas que correlacionam informações de forma automatizada, com as tecnologias complexas da web 2.0, estão sendo implementadas nas empresas e precisam restringir ainda mais seu escopo (GARRISON, 1998; COLLE, 2002; BRUNS, 2005; MACHADO, 2006a; BARBOSA, 2007; PATERSON; DOMINGO, 2008). A diversidade de informações na internet se por um lado representa um enorme banco de dados com as mais distintas informações, por outro dificulta o acesso a fontes fidedignas. Um repórter certamente necessita ter a relação de sítios considerados confiáveis em sua área de atuação. Machado (2003) apresenta uma série de bancos de dados públicos disponíveis na internet que poderiam e são efetivamente fontes fidedignas para jornalistas. Nesse sentido, uma das ferramentas básicas de um sistema de apuração seria um banco de fontes integrado a editorias ou de acesso a todos os jornalistas do cibermeio<sup>16</sup>. Um banco de fontes integrado ao sistema pode conter espaços para comentários sobre a abrangência do conhecimento e disponibilidades de uma fonte nominal, ou mesmo o teor das informações e a política editorial de sítios, para fontes na web, por exemplo.

---

<sup>15</sup> A pesquisa realizada na tese doutoral analisou a arquitetura da informação do G1 e do Centro de Mídia Independente e somente identificou haver vinculação das informações através de links de blocos de texto (páginas) díspares através dos menus e sub-menus, não uma construção narrativa em termos de níveis de informação em uma grande matéria.

<sup>16</sup> No Educação em Pauta, foi elaborado um banco de fontes que, devido a meu afastamento da FIB, não chegou a ser integrado ao sistema. No Sistema Unificado de Reportagem SURF, elaborado no início de 2008 na UFS, um dos primeiros aplicativos solicitado e desenvolvido foi o banco de fontes (CORREIA; SOARES; SILVA, 2008).

Para sistemas de buscas inteligentes, a utilização de metadados e mineração de dados (*data mining*) é fundamental. Vincular informações através de dados secundários que não ficam visíveis aos jornalistas certamente vem facilitando muito o trabalho na recuperação de informações. O uso da sindicalização encontra-se entre os recursos mais utilizados com tal finalidade. Tecnologias como a AJAX (*Asynchronous Javascript And XML*) pode vir a ser utilizada em bases de dados internas às organizações jornalísticas, o que facilitaria, inclusive, a vinculação gráfica em interfaces amigáveis.

## 2.2 Sistema de Produção

O sistema de produção ciberjornalístico acaba por ser o fundamento de um sistema de publicação. Subdivide-se nas etapas de composição, edição e disponibilização dos conteúdos. A primeira refere-se à construção narrativa da matéria, à programação visual (diagramação), à elaboração da arquitetura da informação estrita da matéria, à inclusão dos recursos multimidiáticos e de metadados. A segunda, ao processo de revisar, readequar, reposicionar os conteúdos tendo em vista regras e normas gramaticais em relação ao manual do cibermeio, às definições editoriais, bem como ao contexto da editoria (canal ou sessão) e ao produto como um todo. Por sua vez, a disponibilização visa permitir deixar os conteúdos acessíveis a seus leitores, a outros jornalistas na ambiência web. É somente a partir da disponibilização dos conteúdos que se pode pensar em um sistema de circulação das informações.

### 2.2.1 Sistema de Composição

O sistema de composição ciberjornalístico compreende a seleção e hierarquização das informações aplicadas à arquitetura da informação da matéria. Nesse sentido, o principal aspecto da composição é uma arquitetura da informação elaborada e aplicada em sua forma mais ampla e própria, pois seria em cima de seu fluxo hierárquico e informacional que a narrativa, o contar a história, o narrar o fato é estruturado. Assim, a arquitetura da informação é compreendida como estrutura narrativa (MACHADO, 2004; SCHWINGEL, 2005).

O jornalista, ao produzir conteúdos, consideraria a hierarquização das informações com a utilização de recursos como o lide e a pirâmide invertida, bem como a proposição de Canavilhas (2005) da pirâmide deitada ou mesmo a aplicação do modelo *news diamond* de Paul Bradshaw (2007)<sup>17</sup>, técnicas adotadas pela linguagem jornalística como um todo.

---

<sup>17</sup> Paul Bradshaw, do *Online Journalism Blog*, propôs em setembro de 2007, um modelo alternativo à técnica da pirâmide invertida para a redação do jornalismo online. A pirâmide passa a ser refletida para baixo, formando um diamante. A base relaciona-se com a profundidade do discurso, o topo com o discurso e a ponta inferior com o nível de controle do usuário. Os níveis desde o topo, passando pela base até a ponta inferior são: alerta, rascunho, artigo/pacote, análise/reflexão, contexto, interatividade e customização. Ver em: <http://onlinejournalismblog.com/2007/09/17/a-model-for-the-21st-century-newsroom-pt1-the-news-diamond>. A proposta de Canavilhas (2005) trabalha com quatro níveis para o tratamento e redação das informações jornalísticas, do mais básico ao mais profundo e contextual: unidade base, nível de explicação, nível de contextualização; nível de exploração. Ver em: <http://www.bocc.ubi.pt>.

Porém, como trabalha com conteúdos, a preocupação do ciberjornalista não é somente com a hierarquização do texto, mas da vinculação deste com fotos, vídeos, ilustrações, infográficos numa linha narrativa de navegação, ou seja, em distintos níveis. Como narrador da história, precisa considerar o deslocar-se do interactor (MANOVICH, 2001) pelos conteúdos para obter a compreensão da informação, para gerar conhecimento (WÜRMAN, 1996; LAPA, 2004).

No momento da elaboração de cada matéria, ao propor que deveriam ser entendidas como micro-sítios, busca-se a integração da hipertextualidade na estrutura narrativa da notícia, ou seja, o ciberjornalista trataria cada matéria em separado como projeto único, segmentado, em partes, mas integrado ao todo, através de vinculações como links, menus, sub-menus, galerias de fotos, vídeos do banco de dados do cibermeio. A sugestão seria de que o sistema de composição no ciberjornalismo trataria as matérias como o impresso trabalha com cada suplemento, com cada caderno especial.

A contextualização e a especificidade da informação podem ser trabalhadas de acordo com os níveis do próprio sítio, procurando fazer com que o profissional no momento da produção não considere a composição da matéria em uma tela bidimensional, mas busque estruturá-la espacialmente, de acordo com a malha da internet<sup>18</sup>. No momento da concepção, o jornalista possui as informações apuradas e, assim, pode pensar em termos de contexto e desdobramentos, sugerindo e compondo a matéria de acordo com os valores-notícia em níveis de profundidade. De forma mais específica, conforme acima sugerido, a sugestão de pauta já pode ser elaborada no sistema de apuração, visando à integração dos recursos multimidáticos com a arquitetura da informação e com a narrativa da matéria.

Porém, a concepção espacial e contextual da arquitetura da informação planifica-se novamente na tela ao ser inserida no cibermeio. Links no corpo do texto, nos menus de continuidade, de relação ou de orientação, internos e externos, fazem com que o leitor escolha seu próprio caminho e não necessariamente siga a linha narrativa e estrutural proposta pelo jornalista. Uma forma de externalizar para o usuário tal linha narrativa seria através da visualização do esqueleto, da estrutura da informação, conforme proposto na Plataforma de Publicação e Ensino do Panopticon: “muitas vezes a estrutura narrativa não fica explícita para o leitor. Assim sendo, para uma maior elucidação quanto à narratividade da matéria proposta pelo repórter, a representação gráfica da arquitetura da informação da matéria ficará disponível para o leitor na área da direita do sítio” (PALACIOS, MACHADO; SCHWINGEL, ROCHA, 2005, p.07). A programação da PPEP foi desenvolvida de forma totalmente dinâmica para possibilitar a construção de uma arquitetura da informação de acordo com o conceito de rede distribuída e descentralizada (SCHWINGEL, 2004), onde cada tela indicativa da composição seria clicável, abrindo para a área de edição. A arquitetura da informação poderia, assim, ser composta e modificada a

---

<sup>18</sup> Uma experiência muito interessante de narrativa é a desenvolvida pela MSNBC como jornalismo 360°. Ver: <http://risingfromruin.msnbc.com/stories.html>. No meio acadêmico, o professor Larry Pryor, da USC, vem pesquisando e aplicando tal possibilidade em laboratório. Como parte do programa da bolsa sanduíche no exterior, ao visitar a USC e conhecer o projeto, perguntei a Pryor sobre a possibilidade de integração da malha, já que o jornalismo 360° trabalha a narrativa visual plana na interface. O professor afirmou que este seria o nível seguinte da pesquisa (PRYOR, 2006). O projeto desenvolvido na USC pode ser encontrado em: [http://imsc.usc.edu/research/project/panvid/panvid\\_nsf8.pdf](http://imsc.usc.edu/research/project/panvid/panvid_nsf8.pdf)

qualquer tempo em termos de profundidade ou em novos ramos, bem como ficaria graficamente representada na página principal de cada matéria<sup>19</sup>.

Para a composição da matéria, elementos são definidos na elaboração do sistema. López, Gago e Pereira (2003) denominam tais campos de itens de conteúdo e os compreendem como unidades mínimas de informação em um sistema, que seriam: o título, o crédito, o corpo do texto, a infografia e os recursos multimídia. Tendo em vista o processo de seleção e de organização da notícia proposto por de Guerra (2003), outros elementos podem ser sistematizados (SCHWINGEL, 2008).

A composição da matéria relaciona-se, portanto, à elaboração da narrativa (*story*) em níveis de importância da informação. É quando o ciberjornalista, mediante a apuração dos acontecimentos, pode transformar aqueles fatos em uma tela simples, ou desdobrá-la em diferentes níveis (um especial), com entrevistas inteiras, áudios, vídeos, animações, retrancas, galerias de fotos, infográficos interativos e *mashups*<sup>20</sup>. Tais informações estariam previstas na composição desde a elaboração da sugestão de pauta no sistema de apuração. Os campos estariam dispostos de acordo com uma arquitetura da informação prévia ou que poderia ser construída no momento da elaboração do conteúdo. Por exemplo, se o cibermeio opta por uma diferenciação prévia de narrativa em função dos gêneros, uma crônica poderia estar com sua estrutura definida com campos previamente formatados para que se incluía o conteúdo.

A etapa de composição está relacionada, de acordo com o proposto por Guerra (2003), além da hierarquização e seleção das informações, ao que denomina de sistematização final. E quando o ciberjornalista chega a um resultado que considera satisfatório, pode liberar a matéria para a edição, e o sistema indicaria que esta pode ser consultada e editada.

### **2.2.2 Sistema de Edição**

A edição pode ser, utilizando lógica similar a que Henn (1996) aplicou para a pauta<sup>21</sup>, compreendida em diferentes aspectos: 1) como as funções de revisão e adequação do conteúdo a serem executadas em determinados conteúdos; 2) como o processo jornalístico de seleção, hierarquização e apresentação de um conjunto de conteúdos ou matérias, e, em um sentido mais amplo, 3) como o conjunto representativo dos fatos relevantes em um determinado período, conforme Guerra (2003. p.12) afirma:

---

<sup>19</sup> Posteriormente à proposição do PPEP, os pesquisadores da UFSM integrantes do convênio de pesquisa com o GJOL implementaram o *Mapalink*<sup>19</sup> (MIELNICZUK; MARQUES, 2006), sistema que aplica parte desta idéia representando graficamente a estrutura da matéria, porém apresenta limitações quanto à composição de uma arquitetura distribuída e descentralizada, já que possibilita a inclusão de somente dois ramos em estrutura linear (DÍAZ NOCI; SALAVERRÍA, 2003).

<sup>20</sup> São as informações sobre informações muito utilizadas no denominado jornalismo hiperlocal, com vinculações e amostras que se sobrepõem. O exemplo mais comum é o utilizado para informações vinculadas aos mapas do Google.

<sup>21</sup> Henn (1996) considera a pauta como: 1) roteiro de trabalho; e 2) uma função que permeia a construção da notícia e do próprio jornal.

Representa o conjunto das notícias, reportagens, artigos, editorial, entre outros itens, periodicamente apresentado aos indivíduos, dando conta dos fatos e questões mais recentes ocorridos num determinado intervalo de tempo. A edição se constitui, portanto, num mosaico, formado por unidades noticiosas, analíticas e opinativas, que pretende ser a representação dos fatos mais relevantes do período considerado. Tem-se, então, a informação como matéria-prima da notícia, e esta como componente de um produto maior, a edição.

Uma das funções herdadas do impresso pelos ciberjornalistas é a do editor da página principal. No impresso, ao editar a capa, os jornalistas correlacionam informações, hierarquizando as manchetes de destaque. Cada editor disputa o espaço para as matérias de sua editoria que são inclusas de acordo com os critérios de noticiabilidade, os valores-notícia e a política editorial. As capas no impresso são quase impecáveis enquanto as páginas principais dos cibermeios apresentam problemas de várias naturezas (MOHERDAUI, 2008)<sup>22</sup>. Talvez muitos desses sejam em função dos sistemas automatizados de publicação de conteúdos. A página principal dos cibermeios geralmente apresenta áreas previamente definidas, com sistemas randômicos que incluem de forma automatizada as informações, e seus editores algumas vezes somente percebem que determinadas manchetes foram para tais áreas depois de publicadas, o que pode interferir nos aspectos editoriais do cibermeio, em função de que geralmente tais informações provêm de agências de notícias e podem ser publicadas sem qualquer tratamento<sup>23</sup>.

Nesse sentido, com a utilização de um sistema de publicação, os mecanismos de edição poderiam ser complexificados, tendo em vista a otimização do trabalho jornalístico. Esse subsistema pode conter ferramentas de interatividade, como fóruns, chats, mensagens instantâneas, que permitem a comunicação síncrona e assíncrona entre repórter e editor, por exemplo, ou entre repórter ou editor e profissionais da arte ou da técnica. Em sistemas que prevejam a participação do usuário, como a integração do processo de *gatematching*, por exemplo, os leitores podem ter mecanismos de participação que influenciam ou mesmo direcionam a edição do conteúdo original do cibermeio (BRUNS, 2003; 2005; PRIMO; TRÄSEL, 2005).

### **2.2.3 Sistema de Disponibilização**

O sistema de disponibilização é um dos fatores diferenciadores do processo produtivo ciberjornalístico. Quando determinado conteúdo está finalizado, ou seja, passou pela edição individual (dos conteúdos textuais e multimídia), pela da editoria e do produto como um todo, está pronto para ser disponibilizado. Esta disponibilização é a publicação do conteúdo no cibermeio, especificamente na web. A disponibilização diferencia-se da circulação por não se preocupar com distintas plataformas ou diferentes meios de comunicação. O sistema publicador possibilita que o conteúdo esteja disponível a outros usuários ou a colegas

---

<sup>22</sup> A pesquisa doutoral de Luciana Moherdauí analisa as páginas principais dos jornais digitais buscando definir parâmetros para a edição. Ao comparar com as capas dos jornais impressos, identifica a qualidade e avanço profissional dessas. Ver: <http://www.contraaalicagemburra.blogspot.com>

<sup>23</sup> Afora essa questão, há outra explicitada por Silva Jr. e Franciscato (2004) do agendamento e uniformidade das manchetes de primeira página nos cibermeios brasileiros.

jornalistas, de acordo com a lógica concebida, dispondo as informações em páginas da internet. Caso contenha a possibilidade de veiculação em tecnologia WAP ou em multiplataformas, tal sistema passaria a ser o de circulação.

A disponibilização relaciona-se com a escolha da tecnologia para o desenvolvimento, com os bancos e bases de dados, os servidores, as linguagens de programação, as compatibilidades entre linguagens e formatos para dispor os conteúdos de forma a respeitar a programação visual e a proposta editorial do cibermeio.

Seria neste momento que o processo de produção integraria a função de *gatewatching* (BRUNS, 2003; 2005), ou seja, atividades que envolveriam por parte do público coleta, filtragem e discussão de informações publicadas em outros veículos para selecionar notícias relevantes. No jornalismo tradicional, o processo de seleção das informações, sistematizado pela teoria do *gatekeeper*, seria as escolhas feitas pelos jornalistas (SCHUDSON, 1978; SERRA, 2004; TRAQUINA, 2005a). Com as características do jornalismo participativo, principalmente aquelas sistematizadas por Bowman e Willis (2003) como a possibilidade de inclusão do usuário em termos de: 1) inclusão de comentários; 2) filtragem e edição; 3) verificação das notícias; 4) elaboração de reportagens; 5) inclusão de informações essenciais às matérias publicadas; 6) envio de artigos e informações que modificam enfoques das matérias publicadas; 7) inclusão de áudio e vídeo; 8) possibilidade de compras, vendas e publicidade de produtos; e 9) compartilhamento de conhecimento, um processo diferenciado precisaria ser aplicado.

Bruns (2005) vincula o processo de produção da notícia no jornalismo de fonte aberta com a lógica de produção da informação e dos próprios CMSs elaborados pelas comunidades de código aberto. De forma similar, Schwingel (2002; 2005) havia afirmado que a publicação colaborativa de conteúdos na internet seguia a lógica do desenvolvimento *open source*, sistematizada por Raymonds (1994) e que, agora, expande-se para o sistema de produção jornalístico, no sentido de uma expansão do campo (SORRENTINO, 2006). Bruns (2005, p.67) sistematiza o processo de produção aberto das notícias em: “**Gatewatching:** gatewatching as a minor source open to all users. **Input:** submission of gatewatched stories open to all users. **Output:** instant publishing of all stories (least possible filtering). **Response:** discussion and commentary open to all users<sup>24</sup>”.

Do ponto de vista do processo de produção no ciberjornalismo como proposto e definido neste trabalho, o *gatewatching* relaciona-se aos sistemas de edição e disponibilização, que podem incorporar mecanismos e aplicativos capazes de possibilitar a discussão dos conteúdos originais postados, contribuindo para coletivamente revisar a qualidade e identificar a relevância destas informações. Experiências de jornalismo colaborativo como os infográficos animados para identificar os pontos de criminalidade no Rio de Janeiro do Globo *On*, por exemplo, das Organizações Globo, são um indicativo de como este tipo de mecanismo que nasceu atrelado às redes sociais de produção descentralizada de informações, vêm sendo, ainda que de forma lenta, integrado aos

---

<sup>24</sup> L.T.: *Gatewatching: gatewatching* como uma fonte menor aberta a todos os usuários. Entrada: a submissão de histórias a partir do processo de *gatewatching* aberta a todos os usuários. Saída: a publicação imediata de todas as histórias (com o mínimo possível de filtros). Resposta: discussão e comentário abertos a todos os usuários.

processos de produção do ciberjornalismo dos conglomerados vinculados aos meios convencionais.

### **2.3 Sistema de Circulação**

O desafio da circulação jornalística sempre foi o de atingir o maior número possível de pessoas com o máximo de eficácia, através de distintos canais no menor custo. O desenvolvimento tecnológico, conforme demonstra Smith (1980) e Silva Jr. (2006, p.49-50) representa um fator determinante para a evolução das redes de comunicação. E com as redes telemáticas, os sistemas integrados e as múltiplas plataformas, as publicações ciberjornalísticas parecem estar defronte a um grande desafio: “O caráter crucial da circulação para a disseminação social das informações exige que a definição do sistema de circulação seja uma etapa prévia ao lançamento de qualquer projeto jornalístico a fim de evitar que, uma vez concluído o trabalho de produção, a informação disponível sofra restrições para chegar aos mais diferentes tipos de públicos” (MACHADO, 2006b, p.02). Assim, um cibermeio para ter retorno financeiro, posicionamento mercadológico, modelo de negócio definido, ação e inserção social, precisa planejar e implementar seu produto de acordo com um sistema de circulação prévio.

Machado (2006b, p.08-9), por sua vez, visando estabelecer diferenciações entre os modelos de intercâmbio de informações predominantes na imprensa convencional e no ciberjornalismo, define o sistema de distribuição, adotado como padrão no jornalismo convencional, como um modelo em que predomina a lógica do consumo de informações produzidas centralizadamente enquanto que no de circulação, que caracteriza a lógica de fluxo contínuo do ciberespaço, predomina a noção de participação na produção descentralizada das informações:

Um sistema de distribuição opera de forma centralizada, mantém uma hierarquia rígida entre os participantes e tem como objetivo principal à entrega das informações ao consumidor final; Muito mais flexível, um sistema de circulação funciona sem necessidade de uma hierarquia rígida, adota a descentralização como modelo padrão e tem como objetivo principal à disseminação das informações produzidas nestes diferentes centros. Um simboliza a apologia ao consumo enquanto o outro simboliza a apologia da participação.

Talvez seja difícil compreender-se um sistema de circulação sem estar vinculado à noção de distribuição e consumo, porém não deixa de ser interessante considerar tais sistemas como descentralizados e flexíveis, através dos quais o maior número de agentes sociais sejam envolvidos no processo comunicacional. Porém, ressalta-se que Machado (2006b) em nenhum momento concebe os sistemas sem consumo, mas sim busca distinguir aqueles em que predomina o consumo daqueles em que predomina a participação.

## Para concluir

Os sistemas de produção de conteúdos no ciberjornalismo encontram-se inseridos em um contexto tecnológico mais amplo que é o da própria tecnologia internet, desde a concepção do modelo de rede até os sistemas associados a sistemas da web 2.0 que possibilitam a vinculação de conteúdos a outros sem a intervenção do autor, do jornalista. Assim, para melhor se compreender o processo de produção no ciberjornalismo de forma distinta do das informações generalistas, é interessante ter clareza sobre a evolução das tecnologias de publicação de conteúdos na web e de sua apropriação tanto por comunidades de usuários quanto por grandes empresas de comunicação.

Procurou-se, portanto, sistematizar a evolução das tecnologias que permitem a publicação de conteúdos na internet, tendo em vista tanto às publicações generalistas quanto às ciberjornalísticas, para, em um segundo momento, conceituar o sistema de produção ciberjornalístico como o fator que especifica os conteúdos e informações ciberjornalísticas. Ressalta-se que a produção de conteúdos jornalísticos depende de um campo de conhecimento fundamentado em saberes práticos, teóricos e deontológicos que previamente complexifica e especializa os conteúdos publicados.

## Referências

BERNERS-LEE. T. Artificial intelligence and the semantic web. Disponível em: [http://www.w3.org/2006/Talks/0718-aaai-tbl/Overview.html#\(1\)](http://www.w3.org/2006/Talks/0718-aaai-tbl/Overview.html#(1)). Acessado em 15 de setembro de 2008.

BOWMAN, S.; WILLIS, C. **Nosotros, el medio**: cómo las audiencias están modelando el futuro de la noticias y la información. The Media Center at the American Press Institute, 2003. Disponível em: [www.hypergene.net/wemedia/espanhol.php](http://www.hypergene.net/wemedia/espanhol.php). Acessado em 20 de setembro de 2005.

BRADSHAW, P. A model for the 21st century newsroom: pt1 - the news diamond. **Online Journalism Blog**. Disponível em: <http://onlinejournalismblog.com/2007/09/17/a-model-for-the-21st-century-newsroom-pt1-the-news-diamond>. Acessado em 08 de maio de 2008.

BRAMBILLA, A.M. **Jornalismo open source**: discussão e prática no OhmyNews International. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Fabico/UFRGS, Porto Alegre, 2006. Dissertação.

BREED, W. **The Newspaperman, news and society**. New York: Arno Press, 1980.

BRUNS, A. **Gatewatching**: collaborative online news production. New York: Peter Lang, 2005.

\_\_\_\_\_. **From Blogs to Open News: notes towards a Taxonomy of P2P Publications**. 2003. ANZCA03 Conference, Brisbane. July 2003. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/archive/00000193>. Acessado em 03 de agosto de 2007.

CANAVILHAS, J.M. Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. **Jornadas Jornalismo Online**. Aspectos e tendências. Universidade da Beira Interior. Portugal, novembro, 2005.

CAMPUS PARTY Brasil 2008. Portas Abertas para o mundo. Disponível em: <http://www.campus-party.com.br/index.php/cp-brasil-2008.html>. Acessado em 01 de outubro de 2008.

CHAN, A. J. **Collaborative News Networks: Distributed Editing, Collective Action, and the Construction of Online News on Slashdot.org**. Department of Comparative Media. Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, EUA, 2002. Dissertação. Disponível em: <http://web.mit.edu/anital/www/thesis/>. Acessado em 20 de outubro de 2005.

COLLE, R. **Explotar la información noticiosa**. Data minino aplicado a la documentación periodística. Madrid. Universidad Complutense de Madrid, 2002.

CORREIA, B.A.; SOARES, G.A.; SILVA, W.A. **Gestão de conteúdo como apoio à produção jornalística**: a construção do sistema unificado de reportagem SURF. Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe. Trabalho de conclusão de curso.

CRUZ, T. **Gerência do Conhecimento**. Ed. Cobra, São Paulo, 2002.

DÍAZ NOCI, J.; SALAVERRIA, R. **Manual de Redacción Ciberperiodística**. Barcelona, Ariel, 2003.

FIDLER, R. **Mediamorphosis: understanding new media**. Londres: Pine Forge Press, 1997.

GARRISON, B. **Computer-Assited Reporting**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

GILLMOR, Dan. **We The Media: grassroots journalism by people, for the people**. Califórnia: O'Reilly Media, 2004. Disponível em: <http://www.oreilly.com/catalog/wemedia/book/index.csp>. Acessado em 20 de maio e 2005.

GUERRA, J. L. **O percurso interpretativo na produção da notícia**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003. Tese.

HENN, R. **Pauta e Notícia**. Canoas: Editora da Ulbra, 1996.

HERRING, S.C. Slouching toward he ordinary: current trends in computer-mediate communication. In: **New Media & Society**, vol. 6(1). London: Sage, 2004. p 26-36.

HOLANDA, A. F.C. **Estratégias de abertura**: o Jornalismo de Fonte Aberta dos casos Indymedia, CMI, Slashdot, Agoravox, Wikinotícias e Wikinews. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. FACOM/UFBA, Salvador, 2007. Dissertação.

LAPA, E. **Gestão de Conteúdo como apoio à Gestão do Conhecimento**. Brasport: São Paulo, 2004.

LÓPEZ, X.; GAGO, M.; PEREIRA, X. Arquitectura y organización de la información. In: NOCI, J.D.; SALAVERRÍA, R. (Orgs.). **Manual de Redacción Ciberperiodista**. Barcelona, Ariel, 2003. p. 195-230.

MACHADO, E. **O jornalismo digital em base de dados**. Florianópolis: Calandra, 2006a.

\_\_\_\_\_. Sistemas de circulação no ciberperiodismo. In: **IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2006, Porto Alegre. Caderno de Resumos do IV SBPJor. Porto Alegre : SBPJor, 2006. v. 1.

\_\_\_\_\_. O banco de dados como espaço de composição de narrativas multimídia. In: **Anais do II SBPJOR**. Novembro de 2004. Salvador. Brasil. CD.

\_\_\_\_\_. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

\_\_\_\_\_. **La estructura de la noticia en las redes digitales**: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo. Facultad de Ciencias de la Comunicación/Universidad Autónoma de Barcelona, 2000. Tese.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Massachusetts: The MIT Press, 2001.

MOURA, C. **O jornalismo na era do SlashDot**. Universidade da Beira Interior, janeiro de 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acessado em 20 de maio de 2008.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na Web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Tese.

\_\_\_\_\_. MARQUES, I.L. Sistemas publicadores para webjornalismo: MapaLink, um protótipo para produtos de terceira geração. In: **XV Encontro Anual da Compós**. Junho de 2006. Bauru. Brasil. CD.

MOHERDAUI, L. Blog Contra a clicagem burra. Disponível em: <http://www.contraacliagemburra.blogspot.com>. Acessado em 10 de outubro de 2008.

PALACIOS, M.; MACHADO, E.; SCHWINGEL, C.; ROCHA, L.A. **Um Jornal Laboratório multimídia, multi-usuário e descentralizado**. O caso da Plataforma Panopticon. In: V Bienal Iberoamericana de la Comunicación. México. Set 2005

PAVLIK, J. V. **Journalism and new media**. New York, Columbia University Press, 2001.

PATERSON, C.; DOMINGO, D. **Making Online News: The Ethnography of New Media Production**. Peter Lang Publishing: New York, 2008.

PREECS, B. **Open Source Journalism**: an alternative strategy for using the Internet to empower citizens and strengthen democracy (2000). Disponível em: [www.makeyourownmedia.org](http://www.makeyourownmedia.org). Acessado em 25 de setembro 2003.

PRIMO, A; TRÄSEL, M. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de Notícias**. LOGOS, n° 52 Setembro de 2006. Disponível em <http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n52/alaic.html>. Acessado em 30 de novembro de 2007.

RAYMOND, Eric Steven. **A catedral e o bazar**. Disponível em: <http://tuxedo.org/~esr/writings/cathedral-bazaar>. Acesso em: 30 mai. 2002.

SCHUDSON, M. **Discovering the news**: a social history of American newspapers. New York: Basic Books Inc., 1978

SCHWINGEL, C. A arquitetura da informação e o sistema de publicação do *Independent Media Center*. In: Anais do **V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet**. Novembro de 2004. Salvador, Bahia.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Digital de Quarta Geração: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no Jornalismo Digital**. In: **XIV Encontro Anual da Compós**, junho de 2005. Niterói. Brasil. CD.

\_\_\_\_\_. **Sistemas de produção de conteúdos no ciberjornalismo**: a composição e a arquitetura da informação no desenvolvimento de produtos jornalísticos. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Tese.

\_\_\_\_\_. A teoria e a prática na concepção de uma ferramenta de publicação para o jornalismo digital. In: MACHADO. E; PALÁCIOS. M. (Orgs.). **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Calandra, 2003. 187 -211.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e criação na internet**: análise das equipes de desenvolvimento *web* e dos grupos de desenvolvimento de softwares. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. FACOM/UFBA, Salvador, 2002. Dissertação.

SERRA, S. . Relendo o "gatekeeper": notas sobre condicionantes do jornalismo. Contemporanea Revista de Comunicação e Cultura *Journal of Communication and Culture*, Salvador, v. 2, n. 1, p. 93-113, 2004.

SILVA JR. J. A. **Uma trajetória em redes**: modelos e características operacionais das agências de notícias, das origens às redes digitais, com três estudos de caso. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Tese.

SMITH, A. **Goodbye Gutenberg**: The Newspaper Revolution of the 1980s. New York: Oxford University Press, 1980.

SORRENTINO, C. **Il campo giornalistico**. Nuovi orizzonti dell'informazione. Carocci - 2006.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: Vol I – Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo: Vol II – A tribo jornalística**. Florianópolis: Insular, 2005b.

WÜRMAN, R. S. Introduction and Richard Saul Würman . In: BRADFORD, Peter. **Richard Saul Würman – Information Architects**. Nova Iorque: Graphic Press, 1996. p. 15-37.